



## A ADC FAIRCLOUGHIANA: CONCEPÇÕES E REFLEXÕES

Por Lucas Piter Alves Costa<sup>1</sup>

### Apresentação

Norman Fairclough é um dos expoentes da Análise do Discurso que se convencionou especificar como Crítica (ADC). É autor de livros norteadores dessa disciplina, como *Language and Power* (1989), *Discourse and Social Change* (1992) e *Analysing Discourse* (2003), marcos do desenvolvimento teórico-metodológico da ADC na perspectiva faircloughiana.

A ADC é uma disciplina jovem, surgiu em 1990, em um simpósio em Amsterdã, ocasião em que, além de Fairclough, encontravam-se outros ícones da área: Teun Van Dijk, Gunther Kress, Ruth Wodak e Teo Van Leeuwen. A existência recente da ADC, porém, não elimina sua consistência teórico-metodológica característica da AD. Parte de sua coerência se deve ao fato da ADC se orientar linguística e socialmente na análise de seu objeto. Aqui, daremos foco maior às bases sociológicas de seu arcabouço a partir dos pressupostos trabalhados por Fairclough (2001) e Fairclough e Wodak (2000). Dada à extensão de seu trabalho, propomos aqui apenas mostrar algumas ideias que compõem a ADC e uma reflexão sobre elas, entendendo que se trata de uma abordagem panorâmica.

### O enfoque crítico

A ADC estuda as interações sociais a partir da análise de textos. Não se trata de um estudo puramente sociológico, no entanto, nem de uma abordagem exaustivamente linguística dos textos. A AD como um todo se insere no limiar entre esses dois pontos, buscando a relação do elemento linguístico com o elemento social. E no caso específico da ADC faircloughiana, o foco de sua pesquisa científica é a mudança social a partir da mudança discursiva, no ponto em que uma implica a outra mutuamente.

Assim, o enfoque crítico da ADC se caracteriza por uma visão própria e distintiva da relação entre linguagem e sociedade, e da relação entre a própria análise e as práticas analisadas. A ADC se propõe a tornar transparentes os aspectos opacos dos discursos, no que dizem respeito

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Discursivos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRV. Bolsista FAPEMIG. Contato: johannlufte@yahoo.com.br

às desigualdades sociais. Neste ponto, a ADC difere muito das Ciências Sociais, pois declara abertamente seu propósito emancipador que a motiva. Ela se ocupa dos problemas sociais, não tem em vista a linguagem ou o uso da linguagem por si só.

O enfoque crítico da ADC se coaduna ainda com aquilo que se pode chamar em uma perspectiva giddensiana de *modernidade tardia*. Segundo Fairclough e Wodak (2000), Giddens (1991) atenta para a enorme importância da linguagem nas sociedades contemporâneas. Trata-se de um fenômeno social marcado pela tendência do homem de voltar-se a si mesmo, tomando consciência de si e de suas práticas – e isso se dá, evidentemente, pelo discurso. “Esta conciencia crítica respecto de las prácticas lingüísticas cotidianas responde a cambios fundamentales en las funciones que cumple el lenguaje en la vida social [...]” (FAIRCLOUGH; WODAK, 2000, p. 369).

Que funções seriam essas? Difícil não considerar a importância econômica do uso da linguagem: a linguagem usada para vender ideias, ideais e produtos. A linguagem usada para entreter, para produzir e reproduzir uma cultura do ócio que amolda e domestica a massa. A linguagem instrumentalizada, tecnologizada: “Aprenda a falar bem!” tornou-se um mote que sintetiza as necessidades de uma sociedade sob a égide capitalista e preocupada com a imagem.

A percepção do uso da linguagem, ou melhor, a tecnologização da linguagem não é senão a percepção acentuada do homem sobre suas práticas sociais. Pensar a linguagem para controlar a estrutura social, pensar a linguagem para desestabilizar esse controle. Devido à reflexividade da vida contemporânea, é natural que surgisse uma área do conhecimento que representasse em todos os sentidos essa reflexividade. A ADC pode se ver dessa forma, como consequência de uma inquietação social reflexiva, inquietação voltada para as questões de sua própria origem. Em outros termos, “el análisis crítico del discurso es, en primer lugar, una característica de la vida social contemporánea y, sólo secundariamente, una tarea académica.” (FAIRCLOUGH; WODAK, 2000, p. 370).

## **O discurso e o poder**

Diferente do uso de linguagem saussuriano, o uso de linguagem para a ADC é moldado no social, não no individual. Ou seja, Fairclough (2001) propõe usar o termo *discurso* para designar “o uso de linguagem como forma de prática social” (p. 90), o que implica tomar o discurso como uma forma de ação e assumir que sua relação com a estrutura social seja dialética. Em outras palavras, o social constitui o discurso e é por ele constituído. Considerá-lo assim, nessa reciprocidade, implica enxergar uma relação entre um conjunto de discursos particulares e uma situação social. E o cerne dessa relação entre discurso e sociedade é o *poder*.

Aqui, torna-se marcante a influência de Foucault (1972, 1979, 1981) para a ADC. Percorrendo o trabalho arqueológico e genealógico de Foucault, Fairclough (2001) identificou importantes considerações sobre o discurso, dentre as quais, as principais apontam para a natureza constitutiva do discurso – o discurso construindo a sociedade –, o caráter interdiscursivo e intertextual das práticas discursivas – os textos sempre recorrem a outros textos –, o poder como prática discursiva, o discurso como prática política – pois é ideológico –, e a mudança social dialética com a mudança discursiva.

Talvez uma das principais contribuições do trabalho de Foucault para as teorizações da ADC tenha sido não só evidenciar a existência do discurso como um *lugar*, mas sim estabelecer suas ligações com o poder, tornando-o um *lugar de poder*, indo além do estruturalismo e da hermenêutica. O discurso, dessa forma, não seria só o meio através do qual se exerce o poder, mas também o *lugar* pelo qual se luta para exercê-lo. *Luta-se por meio do discurso, no discurso, pelo discurso*. O poder *dentro* desse *lugar* é uma questão de inscrição na Ordem do Discurso, de legitimação como pessoa que tem o direito de fala.

Por sua vez, o poder *sobre* o discurso é uma questão de capacidade para mudar e controlar as regras das práticas discursivas e as estruturas da Ordem do Discurso (FAIRGLOUGH; WODAK, 2000). Ou seja, a capacidade e a autoridade para manipular a situação de comunicação, estabelecendo posições (por vezes, assimétricas) e contratos genéricos, às vezes transgressores das regras de um gênero. Vê-se que:

Las prácticas discursivas pueden tener efectos ideológicos de peso, es decir, pueden ayudar a producir y reproducir relaciones de poder desiguales entre (por ejemplo) las clases sociales, las mujeres y los hombres, las mayorías e las minorías culturales o étnicas, por medio de la manera como representan los objetos y sitúan a las personas. (FAIRGLOUGH; WODAK, 2000, p. 368).

A organização material das instituições, das Ordens do Discurso, delimita não só o *status* daquele que fala. Tal organização delimita também o que significa tomar o discurso, tomar o direito de falar. A tomada da fala se dá pelas regras de uma dada instituição, mas essa enunciação precisa ser evidenciada por mecanismos da própria instituição, para que fique claro que aquele espaço – o espaço de fala – é o lugar de poder. Não se pode legitimar um orador em meio à plateia, a *fala de autoridade* nessa postura, a postura de plateia, é necessariamente ocupada por um contraventor, um contestador. Um contestador não obrigatoriamente do que é *dito*, mas do *dizer*. Em resumo, o poder fica a mercê da própria materialidade que o cria e que ajuda a criar.

Quanto ao papel contestador do indivíduo, cabe dizer que aí se instala uma das críticas direcionadas a Foucault, mais especificamente em relação ao lugar do sujeito no discurso reservado por ele. Ao atribuir ao poder a formação dos discursos, Foucault relega o sujeito a um lugar passivo, ignorando a capacidade das pessoas de se conscientizarem e mudarem as estruturas de poder.

E apesar da contribuição do pensamento foucaultiano ser inegável para a ADC, Fairclough (2001) fez ainda algumas outras ressalvas a respeito da análise do discurso de Foucault. Para Fairclough (2001), além da problemática do sujeito assujeitado, há uma lacuna na proposta foucaultiana: a falta de uma orientação linguística que tomasse os textos, a linguagem por meio destes, e que possibilitasse fazer uma conexão com as suas práticas sociais inerentes.

## A ADTO

De fato, a análise do discurso proposta por Foucault trouxe à tona o discurso, mas sua abstração não lhe permitiu atingir esse discurso, pois suas teorizações não tomaram exemplos reais materialmente representativos de práticas discursivas, ou seja, a “análise do discurso de Foucault não inclui a análise discursiva e linguística de textos reais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 82).

É nessa lacuna que Fairclough (2001) insere a sua Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO), que, em todo caso, assemelha-se muito à AD praticada pelos analistas como um todo (com evidentes diferenças nos objetivos). Neste caso, a distinção entre a ADTO e a AD de Foucault é necessária quando se pretende dizer como a perspectiva foucaultiana foi posta para funcionar ao ser agregada a uma perspectiva linguística.

Retomando a problemática do sujeito assujeitado no discurso, Fairclough (2001) aponta que o problema de não haver nas teorizações de Foucault um discurso de resistência que fosse além de sua própria formação discursiva é que tal problema centra-se na “ausência de um conceito de prática [...], abrangendo a ausência do texto e da análise textual. Por prática [Fairclough entende] os exemplos reais das pessoas que fazem, dizem ou escrevem coisas.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 83). Já a prática referida por Foucault está mais para um conjunto de regras do que para algo cuja materialidade se ache nos textos.

A partir da ADTO, Fairclough (2001) desenvolve um quadro teórico adequado ao uso na pesquisa científica social. Sua intenção foi reunir uma abordagem linguística do discurso e as visões do pensamento social e político relevantes para o seu estudo da mudança social. Ele operacionaliza na ADTO três dimensões na abordagem do discurso: análise dos textos, análise das práticas discursivas e análise das práticas sociais. Essa operação concebe o discurso em um modelo tridimensional, sendo que a análise de um discurso dentro desse modelo se dá de maneira simultânea nas três dimensões, não havendo uma que deva ser obrigatoriamente priorizada em relação à outra. Também não significa que cada dimensão de análise tem seus limites bem definidos, como por exemplo, na análise textual e das práticas discursivas em relação à produção e recepção textuais.

O trato com o texto e as competências exigidas para isso suscitam a questão do conhecimento do analista em Linguística. Mas embora uma competência prévia seja pré-requisito, não se pode exigir do analista somente uma grande experiência linguística, dado o caráter multidisciplinar da AD.

Para a análise das práticas discursivas, é preciso lembrar que elas envolvem “processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 106-107). Obviamente que certo conhecimento em Linguística é evocado aqui, reforçando que os limites entre as dimensões de análise não são estanques.

Por fim, para a análise da prática social, vê-se claramente que Fairclough (2001) retoma as concepções de discurso de Foucault, mas propõe um avanço interpretativo a elas ao incorporar as concepções de ideologia e hegemonia, de Althusser (1971) e Gramsci (1971), respectivamente, embora tais concepções sejam também reinterpretadas na abordagem faircloughiana, sobretudo a de ideologia. São dois conceitos que certamente mereciam um aprofundamento.

## **Considerações finais**

Como propomos uma visão panorâmica da ADC, muitos conceitos ficaram de fora da abordagem, tais como ideologia, hegemonia, formação discursiva, intertextualidade, dentre outros, com base em Althusser (1971), Gramsci (1971), Foucault (1972, 1979, 1981), e Bakhtin (1981, 1986), respectivamente, para ficar só em alguns.

Também não focamos a base linguística para apreensão dos textos, aprimorada por Fairclough (1992, 2003) a partir da Linguística Sistêmico-Funcional, de Halliday. Em todo caso, a menção a esses pontos pode oferecer as coordenadas para uma leitura sobre a ADC. A deficiência desta abordagem só vem ressaltar o caráter multidisciplinar, ou melhor, transdisciplinar da ADC.

## **Referências bibliográficas:**

FAIRCLOUGH, Norman; WODAK, Ruth. Análisis crítico del discurso. In: \_\_\_\_\_. *El discurso como interacción social. Estudios sobre el discurso II: una introducción multidisciplinaria*. Barcelona, Espanha: Gedisa, 2000, p. 367-404.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UNB, 2001.